

MEMÓRIAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DA LIBRAS: PERFIS E ETAPAS DA PROFISSÃO

Huber Kline Guedes Lobato¹
José Anchieta de Oliveira Bentes²

Resumo:Essa pesquisa objetiva-se analisar e compreender os perfis e as etapas que constituem a carreira de Tradutores e Intérpretes da Libras (TIL). A pesquisa ancora-se em Halbwichs (1990) e Bosi (1993) sobre memória, bem como Huberman (2000) e Cavaco (1999) acerca da vida profissional de professores. O foco são as narrativas de vida de 11 (onze) TILs. Os resultados apontam: perfis com gêneros, formações, atuações diversificadas. As etapas da carreira de TILs são: i) O enlace - entrada; ampliação; formação; ii) O meneio - polivalência e questionamento; iii) O desenlace - distanciamento e o afastamento. Conclui-se que as demandas destinadas aos TILs devem levar em conta a etapa que cada TIL se encont

Palavras-chave: Memória Coletiva. Tradução e Interpretação. Língua de Sinais.

MEMORIES OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE TRANSLATORS AND INTERPRETERS: PROFILES AND STEPS OF THE PROFESSION

Abstract: This study we want to analyze the profiles and stages that constitute the career of Translators and Interpreters of Libras (TIL). The research is based in Halbwichs (1990) and Bosi (1993) on memory; and also Huberman (2000) and Cavaco (1999) on the professional life of teachers. The focus is on the life narratives of 11 (eleven) TIL's. The results indicate: profiles with genres, formations, diversified performances. TIL's career steps are: i) The Start: input; magnification; training; ii) The middle: polyvalence and questioning; iii) The end: distancing and removal. It is concluded that the works to TIL's must be in accordance with the TIL step.

Keywords: Collective Memory. Translation and Interpretation. Sign Language.

1 Mestre em Educação (UEPA/2015), Especialista em Educação Especial (FAEM/2010), graduado em Pedagogia (UFPA/2006). Universidade Federal do Pará, huberkline@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5777379850935207>.

2 Doutor em Educação Especial (UFSCAR/2010), Mestre em Letras - Linguística (UFPA/1998), Especialista em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português (UFPA/1993) e Graduado em Letras (UFPA/1991). Universidade do Estado do Pará, anchieta2005@yahoo.com.br, <http://lattes.cnpq.br/0804431852151011>.

Introdução

Esse estudo emergiu de um levantamento realizado em janeiro de 2020 no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo foi buscar pesquisas tendo como descritores: “a carreira de TILs” e “memória de TILs”. Assim, encontramos 08 (oito) pesquisas de teses de doutorado entre os anos de 2010 e 2020 que trazem explicitamente esses descritores no título. Priorizamos as teses, pois é nesse nível acadêmico que estamos realizando a nossa pesquisa.

Os dados apontam para pesquisas específicas com professores de Química, Educação Física, Biologia e Geografia, bem como pesquisas que lidam com professores que atuam com a Alfabetização – do 1º ao 3º ano do ensino fundamental –, professores de classes multisseriadas do campo, bem como diversos professores do Ensino Fundamental e do Ensino Superior. Apesar de as pesquisas dialogarem com a temática da carreira profissional, nenhuma aborda as etapas da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras. Ainda assim, das 08 (oito) pesquisas, nenhuma sustenta-se nos estudos da memória.

Halbwachs (1990), em a sua obra “A Memória Coletiva”, afirma que a memória não deve ser percebida apenas em sua dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, mas coletivas. Por isso, nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. O conceito de Memória Coletiva de Halbwachs (1990) trouxe contribuições relevantes para os trabalhos na área da sociologia, psicologia, história, educação entre outras.

Assim, nos propomos a utilizar, teórica e metodologicamente, o conceito de Memória Coletiva na intenção de responder alguns questionamentos na área da Tradução e Interpretação da Libras, dentre os quais: Que memórias servem de base ao ofício de Tradutor e Intérprete da Libras? O

que guardam as memórias desses TILs sobre as etapas da profissão? Como essas etapas podem ser lembradas?

Os estudos de Halbwachs (1990) nesse artigo são complementados com Zumthor (1997), Ferreira (2003), Pollak (1989) e Le Goff (1992), para que possamos compreender de uma melhor forma e maior clareza que a memória não pode ser analisada se não for levado em consideração os contextos sociais ou coletivos que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória dos sujeitos.

Ao buscar rememorar as etapas da profissão de Tradutores e Intérpretes da Libras, apoiamo-nos em Huberman (2000), que trata do ciclo de vida profissional dos professores, bem como Cavaco (1999), que lida com o ofício dos professores, o tempo e as mudanças da profissão. Destacamos que ambos não trazem discussões acerca da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras, mas da carreira docente. Contudo, julgamos pertinente considerar as discussões desses autores, para que possamos compreender a carreira (e a atuação) dos TILs.

Memória

No presente estudo envidamos esforços para compreender as etapas que constituem a carreira do profissional Tradutor e Intérprete da Libras. Essa carreira ocorreu em movimento dinâmico ao longo da vida, por isso acessar a memória dos sujeitos é algo imprescindível para compreendermos cada etapa da carreira profissional. Isso é possível, pois a rememoração integra a vida e, conseqüentemente, o percurso profissional vivido pelos sujeitos.

Assim, a memória ajuda a entender o processo de formação, de construção de saberes, de atuação individual e coletiva dos TILs. Isso acontece, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar

mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Buscamos trazer para esse estudo o conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990) e, assim, entender essa memória como algo advindo de um conjunto de sujeitos. No entender desse intelectual, “[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Dessa forma, entendemos que se os grupos são constituídos por indivíduos, logo temos duas memórias que se complementam: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual está inteiramente vinculada à memória coletiva, pois a memória individual pode, para confirmar algumas lacunas – fatos que são esquecidos –, apoiar-se na memória coletiva. Assim, é relevante pontuar, conforme Halbwachs (1990), que mesmo individual, a memória precisa do contato com as outras pessoas.

Na intenção de compreender as etapas da carreira do TIL, foi preciso acessar as memórias de um grupo social. Para Zumthor (1997, p. 13-14) a memória de um grupo “tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida”. Em sua existência o sujeito incorpora uma pluralidade de experiências pessoais, acadêmicas e profissionais e, assim, constitui sua memória.

Nesse percurso da vida e do interior das experiências, os sujeitos resgatam de suas memórias os acontecimentos do cotidiano, os fatos vivenciados e as marcas do mundo, vinculando isso tudo aos sentidos manifestos nas suas práticas de vida. Ferreira (2003, p. 127) diz que “segue-se aí a memória dos homens, em percurso, e em foco estão os seus impasses com a família, com o

grupo social, consigo próprios, a capacidade de enfrentá-los ou os álibis para todos vencê-los”.

O resgate dos acontecimentos vividos por meio da memória requer a interação com outros saberes. Isso mobilizará interpretações e percepções que se tem sobre a vida, sobre o mundo e sobre as experiências do passado. Esses outros saberes vinculam-se, também, à memória individual do sujeito, que é uma memória coletiva, ou seja, faz parte de um grupo social. Por isso:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. (POLLAK, 1989, p. 10).

Por ter essa característica coletiva e que realiza operações coletivas dos acontecimentos passados, a memória pode ser conduzida por um grupo social, em que há um mergulho no passado e uma emersão no presente. Isso é algo essencial na construção das práticas individuais que integram uma coletividade. Pollak (1989, p. 15) argumenta que “[...] mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”.

Consideramos que a memória possui um movimento dinâmico, pois ao ser evocada no presente, remete-se ao passado, tendo em vista o futuro. Assim, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva. Dessa maneira, “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1992, p. 477). A memória dialoga com o passado, sendo que esse passado é que constitui o presente e que projeta o futuro.

Nesse estudo, temos como referência a memória coletiva de um grupo de TILs. Mesmo

tomando o conceito de memória coletiva como mola propulsora do estudo, não descartamos a memória individual, pois essa memória não está de todo isolada, uma vez que toma como referência sinais externos ao sujeito, isto é, à memória coletiva (HALBWACHS, 1990). A ideia é encontrar uma base comum e os pontos de contato convergentes e divergentes entre as memórias de um grupo social.

O conceito de memória coletiva se torna fértil para esse estudo, pois entendemos que a memória é social, isto é, um fenômeno produzido coletivamente. A memória de um grupo é rica em pormenores, pois cada sujeito desse grupo não se apoia somente sobre a sua própria lembrança, mas também sobre a memória dos outros sujeitos. Assim, as memórias presentes nesse estudo não são de uma única pessoa, mas de várias, nesse caso, vários Tradutores e Intérpretes da Libras.

Procedimentos Metodológicos

Essa pesquisa caracteriza-se como um estudo de base qualitativa sustentado nos estudos sobre os processos memorativos, enquanto método de pesquisa. Assim, adotamos os pressupostos de Bosi (1993) sobre os processos memorativos na vida dos sujeitos que recordam e a influência do grupo social na formação das lembranças do/ sobre o passado. O foco da pesquisa são as memórias de sujeitos que recorrem aos acontecimentos vividos em seu meio social.

O método de pesquisa buscou construir, de forma prática, a ideia de memória coletiva, bem como de memória autobiográfica, uma vez que lidamos com as lembranças individuais de profissionais TILs. A memória autobiográfica representa a “[...] história de nossa vida [...] a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso” (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Contudo, é preciso deixar claro que tais lembranças autobiográficas, mesmo individuais, são coletivas / sociais, presentes num contexto social mais amplo e genérico, “pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (HALBWACHS, 1990, p. 55). Isto é, o contexto social ecoa na vida e na memória de cada sujeito. Assim, lidamos com as memórias autobiográficas, que são memórias individuais e memórias coletivas de sujeitos que estão inseridos em uma realidade social.

Na referida pesquisa, foram investigados 11 (onze) sujeitos que são Tradutores e Intérpretes da Libras e que moram/atuaem em localidades distintas no Estado do Pará: o participante F é de Santarém, a participante C é de Marabá, os demais são de Belém e região metropolitana. Os participantes foram selecionados seguindo uma hierarquia relacionada ao tempo de atuação, ou seja, atuações de: 1 a 2 anos, 2 a 4 anos, 4 a 6 anos, 6 a 8 anos, 8 a 10 anos, 10 a 15 anos, 15 a 20 anos e 20 anos ou mais, conforme o quadro 1:

Quadro 1: perfis dos participantes

ID	Idade	Gênero	Formação	Maior contexto de atuação	Tempo de atuação	Vínculo enquanto TIL	Situação atual
A	25	M	Licenciado em Letras Libras / Mestrado em Letras Linguística	Ensino Superior	1 a 2 anos	Efetivo	Docente
B	26	F	Licencianda em Letras Libras	Diversos	1 a 2 anos	Voluntário	TIL
C	23	Fluido	Licenciada em Letras Libras / Especialização em TIL	Ensino Superior	2 a 4 anos	Contrato	TIL
D	43	F	Licenciada em Letras Libras / Especialização em TIL	Educação Básica e Ensino Superior	2 a 4 anos	Contrato e Serviço prestado	TIL
E	23	M	Licenciado em Letras Libras	Ensino Superior	2 a 4 anos	Contrato	TIL
F	24	M	Licenciado em História	Ensino Superior	4 a 6 anos	Efetivo	TIL
G	23	M	Licenciado em Letras Libras	Ensino Superior	6 a 8 anos	Contrato	TIL
H	25	F	Licenciada em Letras Libras / Especialização em Educação Especial-Inclusiva	Diversos	8 a 10 anos	Contrato	Docente
I	33	F	Bacharelado em Libras / Especialização em Libras	Ensino Superior	10 a 15 anos	Efetivo	TIL
J	60	F	Licenciada em Letras Libras / Especialização em TIL	Saúde, Educação	15 a 20 anos	Contrato	TIL
L	59	F	Licenciada em Pedagogia / Especialização em AEE	Educação Básica	20 anos ou mais	Semi-Desvio funcional	Aposentada

Fonte: elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020).

Esse quadro foi organizado a partir dos dados coletados. O referido quadro será analisado no tópico a seguir. Destacamos que os dados foram coletados por meio de um questionário com questões mistas, com perguntas fechadas e abertas. O questionário utilizado com os participantes possuía 10 questões e, ao final de cada questão, os participantes narraram, opinaram e criticaram o ciclo de vida profissional de Tradutores e Intérpretes da Libras.

Durante aplicação do questionário com os sujeitos, tivemos a preocupação de incluir questões fechadas, em especial àquelas que se referiam ao perfil de cada participante. Também, incluímos questões subjetivas com explorações mais abertas, pois esse tipo de questão “[...] provoca um estilo de resposta mais adequado à autobiografia, que é o estilo narrativo” (BOSI, 1993, p. 283).

A aplicação do questionário com os 11 (onze) TILs aconteceu no período de janeiro a março de 2020. Destacamos que o diálogo com os participantes aconteceu, também, por meio de conversas via *WhatsApp* e *e-mail*. Esse diálogo se deu com perguntas exploratórias, que vieram sanar as dúvidas presentes na análise dos dados. O objetivo das perguntas exploratórias é “[...] que deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado” (BOSI, 1993, p. 283). A intenção foi instigar as narrativas de vida dos participantes (BERTAUX, 2010). Essas narrativas de vida mostram o próprio passado e as etapas da vida dos TILs.

Cada participante recebeu por *e-mail* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Junto ao TCLE, informamos que a participação era voluntária e que, na divulgação dos resultados desse estudo, seria garantido o anonimato. Portanto, o nome de cada interlocutor jamais será citado na apresentação

desse trabalho. Por isso, usamos uma ID para cada participante na intenção de preservar a sua identidade pessoal e profissional.

Perfis profissionais

Iniciamos esse tópico com a discussão do quadro que delinea o perfil de cada participante da pesquisa. Assim, é possível considerar que: a idade dos participantes é de 23 a 60 anos, sendo que 4 identificam-se com o gênero masculino e 6 com o gênero feminino. Destacamos que um (a) participante declarou-se como “fluido”, ou seja, uma “identidade de pessoas que possuem o espectro de gêneros em constante mudança, não sendo restrito a dois gêneros apenas” (REIS; PINHO, 2016, p. 15).

A declaração sobre gênero fluido é relevante nesse estudo, pois rompe com a ideia prescrita no código de ética da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) de que o intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral. O princípio da moral no âmbito da tradução e interpretação da Libras foi (e ainda é) difundido de forma equivocada entre algumas comunidades surdas e seus apoiadores.

No âmbito desse equívoco apresentam-se memórias conservadoras de que o TIL não pode ser gay, lésbica, bissexual, transgênero. São memórias carregadas de discursos ultrapassados e preconceituosos. Nesse sentido, a pessoa participante da pesquisa se define como alguém fluido e quebra com a lógica da moral, enquanto polarização binária: ser homem e ser mulher, que há tempos se perpetuou na área da educação de surdos e no campo da tradução e interpretação da Libras.

Em relação à formação, é possível perceber que 07 TILs são formados e 01 TIL é formando em Licenciatura em Letras Libras. Esse curso

tem o objetivo de formar professores de Libras. Assim, conjecturamos que os profissionais com o grau de Licenciado em Letras Libras, passaram a atuar no campo da tradução e interpretação da Libras por meio de um curso que foi adicionado à formação inicial: curso de formação profissional ou especialização na área de atuação de TIL.

Temos 01 TIL formado em história e que atua no ensino superior. Nesse sentido, provavelmente, o mesmo atua nos mais diversos cursos de graduação em que há alunos surdos. Temos, ainda, 01 profissional com formação em Pedagogia e 01 Bacharel em Libras. Destacamos a relevância da formação no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação da Libras, pois visa formar profissionais Tradutores e Intérpretes da Libras. Essa formação é escassa no Estado do Pará.

[...] registro a importância de termos um curso de graduação para uma formação mais qualificada de tradutores e intérpretes de Libras no estado [...] estaríamos avançando muito mais no exercício da profissão (Participante A).

Isso tudo reforça a ideia de que muitos Tradutores e Intérpretes da Libras são profissionais formados em alguma Licenciatura, ou seja, passaram por uma formação que visa o preparo para uma atuação docente e não para a atuação no campo da tradução e interpretação da Libras. Inferimos que isso implicará bastante na forma como esse profissional lida com o universo da tradução e interpretação em seu cotidiano.

A maioria (9 participantes) atua ou atuou na área da educação, principalmente, no ensino superior. Isso não significa que tenham atuado apenas nesse nível de ensino, mas que o maior contexto de atuação foi (ou é) o ensino superior. Destacamos que todos atuam (e podem atuar) em vários contextos, mas incluímos apenas 02 participantes em contexto de atuação “diversos”, pois não atuaram por meio de vínculo empregatício

no âmbito da tradução e interpretação da Libras. Inclusive foi mencionado que:

Ainda não sou contratada, nem concursada. Mas atuo voluntariamente em diversos contextos: educacionais; jurídicos (Participante B).
[...] iniciei com atuação voluntária na Igreja Batista, logo após em 2013 ingressei no curso de Licenciatura em Letras Libras e comecei a atuar voluntariamente em encontros e congressos acadêmicos (Participante H).

A atuação profissional em diversos contextos é uma prática recorrente no campo da tradução e interpretação da Libras, principalmente quando o profissional se encontra em início de carreira. É nessa fase que o voluntariado é uma prática intensa. Contudo, há tradutores e intérpretes que, mesmo sendo contratados ou efetivados, atuam em áreas diversas. Assim, com base na memória de uma participante, evidenciamos que:

Trabalhei 14 anos como intérprete na área de saúde [...] Há 10 anos trabalho na área religiosa [...] Há 2 anos trabalho na área educacional em curso profissionalizante (Participante J).

Assim, problematizamos o fato de os TILs atuarem em diversos contextos que, inclusive, não são relacionados com sua formação. Assim, eles precisam lidar com conhecimentos específicos e que requerem estudos para que os sinais, na Libras, sejam pensados. Isso requer, também, que os termos técnicos de cada área e que não possuem sinal equivalente na Libras possam ser estudados.

A memória coletiva dos participantes revelou que 06 (seis) sujeitos obtiveram um vínculo empregatício enquanto TIL como temporário, ou seja, mediante contrato ou serviço prestado em alguma instituição. Isso revela um dado relevante: que no Estado do Pará foram poucos os concursos públicos para Tradutores e Intérpretes da Libras desde a Lei 12.319/2010. Por sinal, temos apenas 03 profissionais efetivos, ambos com maior contexto de atuação no ensino superior.

Esses dados revelam que os concursos realizados no Pará, para órgãos do governo do Estado, para os órgãos das prefeituras e para as empresas privadas, foram apenas para o ensino superior. Algo que vem acontecendo no estado do Pará é a realização de Processos Seletivos Simplificados para a contratação por prazo determinado de TILs para atuar, no caso da educação, com alunos surdos na educação básica e, até mesmo, no ensino superior.

Sobre a situação atual dos participantes, registramos que 02 já migraram para o campo da docência da Libras, 08 encontram-se atuando como TILs e 01 já se aposentou. Essa aposentadoria não foi na função de TIL, até porque, essa participante atuou por meio de um “semi-desvio funcional”, ou seja, era professora da Educação Básica e, por saber Libras, atuou na escola na função de TILs. De suas memórias, a participante narrou que:

Atuei como professora-intérprete pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará e Secretaria Municipal de Educação de Belém, com vínculo por meio de concurso para professores, em decorrência da falta de suporte legal para concursos ou mesmo contratações de intérprete, nesse período. Nós existíamos de fato, mas, não de direito (Participante L).

No quadro, utilizamos a expressão “semi-desvio funcional”, pois pensamos nessa expressão para caracterizar o fato de o(a) profissional exercer, em parte, uma função distinta daquela para a qual foi contratado(a) ou concursado(a). O prefixo “semi”, significa que, mesmo sendo concursada como professora, houve uma atuação como professora-intérprete durante algum tempo. Isso ocorreu em virtude da falta de concursos ou contratações específicas de tradutores e intérpretes. Ou seja, a função de professora-intérprete estava relacionada, por sua natureza, ao cargo de professora. Assim, entendemos que não houve um desvio de função em sua plenitude, mas um “semi-desvio funcional”.

Etapas da profissão

Adentramos esse tópico com o questionamento de Huberman (2000): “Qual é, então, o ‘ciclo de vida’ profissional destas pessoas?” (HUBERMAN, 2000, p. 38). Assim, acrescentamos: o que nós sabemos das fases da vida dos professores em situação de sala de aula? Esse ciclo de vida pode ser aplicado aos Tradutores e Intérpretes da Libras? Em relação às etapas ou ciclos da profissão, apresentamos, inicialmente, a ilustração com as etapas definidas por Cavaco (1999) acerca da formação docente.

Para Cavaco (1999) existem certas tendências gerais no ciclo de vida dos professores. Esse ciclo comporta uma sequência de fases cuja ordem obedece ao tempo de carreira.

Ilustração 1: fases da docência segundo Cavaco (1995)

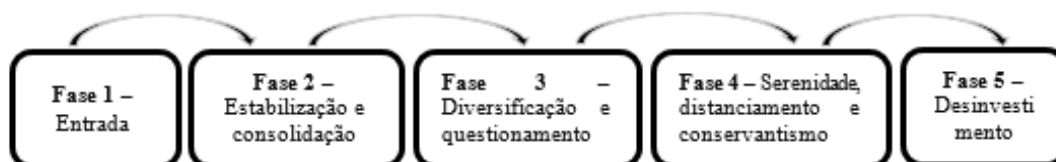


Fonte: elaborado a partir da resenha de Cavaco (1995)

Ao discutir o ciclo de vida de professores, a autora traz 04 (quatro) fases: A primeira – os tempos iniciais da profissão – ocorre quando o professor tem idade dos 23 anos em diante; A segunda fase – ocorre quando o professor tem uma idade em torno dos 30 anos – a procura da realização no presente; A terceira fase – ocorre entre os 35 e 40 anos – as mudanças do sentido da vida; A quarta fase – é o reencontro com o fio da história de vida, quando a aposentadoria já está próxima de ocorrer (CAVACO, 1999).

Outro autor que explora esse universo é Huberman (2000). Ele revela que ao longo da trajetória profissional docente, os professores vivenciam o “Ciclo de vida profissional docente”. Trata-se de fases que expressam como é a carreira do professor, seus medos, suas dúvidas, suas angústias e seus questionamentos que marcam cada fase.

Ilustração 2: fases da docência segundo Huberman (2000)



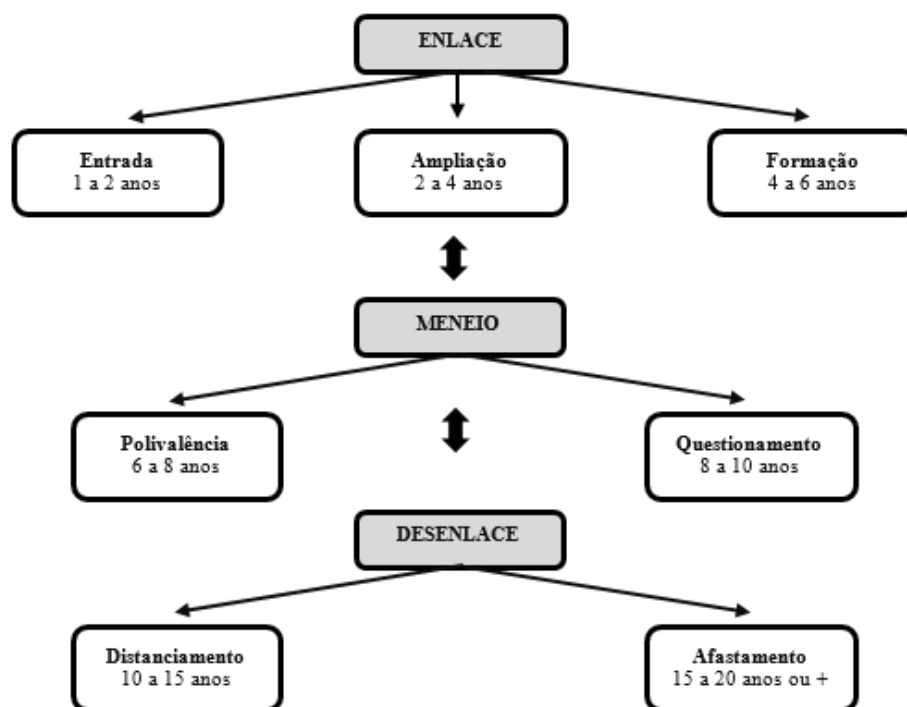
Fonte: elaborado a partir da resenha de Huberman (2000)

Huberman (2000) menciona que é complexo analisar o ciclo de vida profissional dos professores com a pretensão de extrair perfis-tipo, seqüências e etapas fixas, pois integrar num mesmo grupo todos os professores para que partilhem traços em comum, é uma tarefa arriscada e impossível. Cada grupo e

cada sujeito possui suas diferenças no âmbito de um contexto social. Assim, Huberman (2000) apresenta as características mais marcantes de cada etapa dos professores que ele investigou.

Dessa forma, mostramos as etapas da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras que participaram da nossa pesquisa. A seguir o mapa conceitual com as etapas descritas:

Ilustração 3: fases da profissão das TILS



Fonte: elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020)

Destacamos que o tempo de atuação é algo relativo e, nesse caso, refere-se ao tempo dos participantes da pesquisa com os TILs. Dependendo do perfil profissional, talvez, esse tempo seja flexível, pois fatores sociais interferem na trajetória pessoal de cada indivíduo. Até porque o cargo de TIL no Brasil foi lançado em 2010, logo é algo recente. Assim, essa definição temporal a partir de um esquema não é algo fixo, pois pode variar de profissional para profissional no âmbito da tradução e interpretação da Libras.

Nesse estudo não vamos delimitar e nos aprisionar, de forma incisiva, no tempo de experiência, nas datas ou nas idades cronológicas para compreendermos as etapas profissionais dos TILs, pois “[...] os acontecimentos e as datas que constituem a substância mesma da vida do grupo não podem ser para o indivíduo senão sinais exteriores, aos quais ele não se relaciona a não ser com a condição de afastar-se de si” (HALBWACHS, 1990, p. 57).

As etapas da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras, a partir dos dados de nossa pesquisa, são três: a) O enlace: entrada que varia de 1 a 2 anos; ampliação de 2 a 4 anos; formação de 4 a 6 anos; b) O meneio: polivalência de 6 a 8 anos e questionamento de 8 a 10 anos; c) O desenlace: distanciamento de 10 a 15 anos e o afastamento de 15 a 20 anos ou mais.

Reiteramos que não vamos nos aprisionar nos anos de experiência, uma vez que as datas colocadas foram em função do tempo de atuação dos participantes nessa pesquisa. Não nos prenderemos também

nas datas ou nas idades dos participantes. Apesar de o tempo estar descrito no mapa conceitual, em nossa explicação não vamos considerá-lo em sua plenitude, pois as fases podem ocorrer de forma aleatória para cada sujeito e, quem sabe, de uma maneira mais flexível sem um ordenamento rígido.

O enlace

O enlace é a primeira etapa da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras. Trata-se da fase inicial em que o profissional começa a se enlazar com a sua atuação. Cavaco (1999) revela que esse início, no caso de professores, corresponde a inserção na vida ativa e manifesta-se também como um período de dúvidas. No caso dos TILs que participaram da pesquisa, essa etapa se configura em momentos de dificuldade, busca por reconhecimento, ampliação e melhoria das técnicas profissionais e capacitação em serviço.

Entrada

A entrada na carreira da Tradução e Interpretação da Libras ocorre, em grande parte, por meio de trabalhos voluntários e religiosos. Antes de adentrar na carreira, por algum motivo, a pessoa aprende Libras: no contato com surdos, na relação com ouvintes fluentes, nos cursos de Libras básicos, nos cursos de Letras Libras, entre outros. Isso desperta a vontade de atuar na área e, assim, a pessoa inicia nessa carreira. Por meio da memória dos participantes é possível perceber que:

[...] Como estou no início é bem difícil conseguir remuneração ou apoio de quem já está na área há muito tempo [...] (Participante B).

[...] por 2 anos trabalhei nesse cargo como concursado [...] Minha única experiência de trabalho foi no âmbito do ensino superior [...] (Participante A).

Os primeiros passos ocorrem por meio do voluntariado: interpretando para os surdos nos mais diversos contextos: em reuniões na escola, em missas ou cultos, nas consultas médicas, na delegacia, no supermercado e em muitos outros lugares. É nesse trabalho que se estabelecem – além de uma ação voluntária – uma relação de amizade com os surdos. Uma relação de muito contato e aproximação com a comunidade surda.

No caso da participante B, as suas memórias nos levam a perceber que esse início da carreira da tradução e interpretação da Libras é bem difícil. Isso ocorre devido a não remuneração ou o apoio de outros TILs que já estão na área há tempos. Inferimos que isso se dá em virtude da atual situação da participante: ainda está estudando na graduação do curso de Letras Libras.

Inferimos que por ser – na época da entrevista – estudante, os outros TILs a veem como uma profissional que necessita de mais experiência e conhecimentos na área da tradução e interpretação. Diferente do participante A que atua como concursado no ensino superior. Esse participante já concluiu o curso de Letras Libras e o curso de Mestrado em Letras Linguística. Isso garante uma outra forma de tratamento e relação com os seus pares no campo da tradução e interpretação. Soma-se a isso a fluência e a ampliação de vocabulário da(s) Língua(s) de Sinais. Esse fator é determinante na carreira dos TILs e impactará na próxima etapa.

Ampliação

Após a entrada na carreira, o profissional TIL toma consciência de um contexto em que os sinais em Libras são descobertos a cada dia, bem como as escolhas desses sinais no ato da tradução e interpretação vão sendo melhoradas a cada atuação. Essa é uma fase de ampliação do léxico, de uma melhor performance e de uma atuação mais satisfatória e empolgante. Vejamos algumas das

lembranças resultantes de um processo coletivo e que foram narradas pelos participantes:

[...] ao longo das minhas experiências profissionais, isso foi se aprofundando e fui aprendendo vocabulário específico de vários temas [...] por meio do contato com a comunidade surda [...] aprendemos muitos sinais novos, incluindo termos técnicos das áreas que nos propomos a discutir [...] (Participante C).

No momento, eu me sinto uma pessoa experiente, porém sinto que ainda preciso aprender mais e ter mais contato com a comunidade surda (Participante D).

[...] a comunicação com a pessoa surda e essa relação de troca de sinais é essencial para a melhora da atuação, pois o surdo acaba dando um suporte para esse intérprete [...] em sala de aula, livros e com o convívio com os outros colegas também é essencial (Participante E).

Com isso, ocorre a ampliação de vocabulário e a busca da melhoria das técnicas de tradução e interpretação. Essa ampliação acontece de várias formas: a) no contato com a comunidade surda; b) contato com outros TILs; c) na busca em fontes diversas.

Sobre o contato com a comunidade surda, reiteramos que os participantes C, D e E frisam isso como algo de extrema relevância. As memórias sobre o contato com a comunidade surda, a aprendizagem de novos sinais, a comunicação e a troca de sinais, isso tudo reforça a ideia do quanto é necessário haver esse contato, diretamente, com os surdos para acontecer a ampliação do vocabulário da Libras.

Uma outra forma de ampliação de vocabulário, bem como das técnicas de tradução e interpretação é o contato estabelecido com outros profissionais TILs. É, também, nesse contato, que haverá uma ampliação da prática de sinalização. Por isso, o participante E trouxe memórias sobre o convívio com outros colegas. É nesse momento que o olhar para o outro, ver as técnicas utilizadas e perceber as escolhas lexicais utilizadas serão

determinantes no sentido de ampliar a qualidade da tradução e interpretação.

Essa qualidade, também, será ampliada por meio da busca em fontes diversas, conforme as memórias do participante E. Essas fontes podem ser: a sala de aula e livros. Porém, outras fontes, tais como internet, vídeos, dicionários, que mostrem que a Libras é uma língua viva e que sofre mudanças e influências do contexto social e cultural. Isso contribuirá para que o profissional TIL amplie positivamente suas técnicas de tradução e interpretação.

Nessas duas etapas (entrada e ampliação) o medo e a insegurança se fazem presente no momento da atuação. Isso se redobra, principalmente, quando a tarefa é fazer a voz de palestrantes que sinalizam – surdos ou ouvintes. Acompanhando o medo e a insegurança, temos a vontade de aprender e de superar os limites da profissão. Assim, as memórias dos participantes os levam a narrar sobre o processo de formação e/ou capacitação em servi

Formação

Na intenção de superar a fase inicial, ou seja, na busca de avançar e romper com o medo e a insegurança e, assim, aprender cada vez mais, o TIL parte para a capacitação em serviço. Trata-se da formação que é a fase que atravessa às demais da carreira profissional do tradutor e intérprete. Conforme as memórias do participante F sobre a formação no exercício da profissão, pontuamos que:

As principais fontes de saberes ao qual tive contato durante esses anos foi por meio da Universidade que me proporcionou o contato direto com a comunidade surda, grupos de pesquisa em educação de surdos, cursos de capacitação e experiências compartilhadas com os colegas mais experientes. Não posso deixar de citar também as mídias sociais (Youtube, Facebook e Instagram) que me proporcionaram grande contato com o tema (Participante F).

A formação profissional ou formação continuada de TILs pode acontecer a partir de duas perspectivas: a formal, que é estruturada institucionalmente por organizações especializadas, em grupos de pesquisa em educação de surdos, cursos de capacitação, entre outros; e a informal baseada na troca entre pares e na experiência cotidiana e na articulação com diversos profissionais, no contato com surdos, experiências com colegas mais experientes e busca nas mídias sociais.

É relevante destacar que essa formação profissional parte da necessidade em atender uma vontade pessoal ou uma satisfação profissional. A primeira refere-se à necessidade de adquirir novos conhecimentos que melhorem suas habilidades técnicas e a segunda refere-se a uma demanda institucional (individual ou de grupo) e articula-se em conhecer, nessa formação, as demandas da sociedade.

Assim, a instituição onde o TIL atua (universidade, escola, igreja, entre outras) precisa proporcionar ações junto à comunidade surda, bem como a oferta de cursos de capacitação que venham somar com as atividades de tradução e interpretação da Libras. Pontuamos que a prática reflexiva e crítica no seio da profissão é algo intermitente. Ao perceberem que necessitam de formação continuada, esses profissionais estão sendo críticos e reflexivos. Isso contribui para encaminhamentos políticos que subsidiem a prática profissional e a melhoria da qualidade da tradução e interpretação.

O meneio

O meneio é a etapa do meio da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras. É uma fase de oscilação em relação à profissão, pois surge problematizações provenientes das (multi) habilidades exigidas ao TIL. De forma equivalente, Huberman (2000) revela que, no caso de professores, ocorre a diversificação e uma maior dinâmica no

trabalho pedagógico, sendo que os questionamentos sobre a rotina escolar também aparecem. No caso dos TILs que participaram da pesquisa, essa etapa se configura no desenvolvimento das mais diversas funções no seio institucional e na crise da rotina profissional.

Polivalência

O profissional polivalente é aquele capaz de enfrentar inúmeros desafios e de encarar/desenvolver as mais diversas funções no seio institucional. Isso significa conhecer um pouco de tudo, para além daquilo que recebeu em sua formação inicial e continuada. Um profissional multifuncional é o que toda instituição almeja ter. Nesse sentido, apresentamos as memórias a seguir:

Uma barreira é o tempo disponível para o desenvolvimento das tarefas (Participante G).

Apresentamos as narrativas de vida das outras participantes que já passaram por essa fase e lembram de alguns fatos ocorridos durante a trajetória profissional.

Minha maior dificuldade era trabalhar sozinha, na faculdade particular interpretava 3 horas sem revezamento [...] (Participante H).

[...] Precisamos de um tempo para analisar o material que será traduzido ou interpretado com antecedência para desenvolver um serviço de qualidade [...] (Participante I).

[...] Existe a sobrecarga de horário, tempo disponível para o desenvolvimento das [múltiplas] tarefas [...] (Participante J).

A fase da polivalência é aquela que o TIL se ve diante de múltiplas funções a desempenhar no exercício da profissão e no contexto da relação com os surdos e suas comunidades. Apresentamos nesse estudo três características dessa polivalência

tendo como base as memórias dos participantes da pesquisa: a) ação no contratempo; b) a ação múltipla; c) as ações outras.

A ação no contratempo é aquela em que o TIL atua em determinado evento, porém o fator tempo não é levado em consideração nem mesmo pelo próprio profissional, nem pelos seus pares e nem pela organização do evento. A ação no contratempo pode ocorrer por meio de duas perspectivas: contratempo na atuação e contratempo no planejamento da atuação.

A primeira perspectiva diz respeito à sobrecarga física e mental que o TIL executa ao atuar por ininterruptas horas de trabalho. Isso pode acarretar danos à saúde do profissional. Atuar por longas horas sozinho, em pé ou sentado, prejudica o corpo e a mente desse TIL. Isso justifica a explanação de que o fator tempo não é levado em consideração nem mesmo pelo próprio profissional e nem pelos seus pares, que aceitam, muitas vezes, trabalhar dessa forma.

A segunda perspectiva refere-se ao momento de planejamento da atuação, que se dá em virtude das políticas de contratação de TILs. Tais políticas não dispõem de momentos para o planejamento, o que justifica que o fator tempo não é levado em consideração pela organização do evento. Trata-se de um desconhecimento (por parte de quem contrata o serviço) dessa necessidade de planejamento da atuação.

A ação múltipla diz respeito à atuação do TIL em outras funções como serviço técnico administrativo. Há, também, a exigência para que o profissional seja multifuncional no universo das diferentes temáticas abordadas em sua atuação: matemática, física, geografia, religião, entre outras. Reiteramos que o TIL é um profissional que deve atuar nos mais diversos campos que constituem as disciplinas escolares e/ou os cursos de graduação em que há alunos surdos.

Incluimos, também as ações outras que se referem às demandas a serem resolvidas pelo TIL e que se relacionam com as ações no contratempo e ações múltiplas. Essas outras ações representam a polivalência desse profissional. Ousamos dizer que é exigido ao TIL que: acompanhe o surdo nas atividades, nas idas ao médico, nas dúvidas extra institucional, entre outras ações que surgem no dia a dia desse sujeito.

Muitas outras características definem a polivalência, mas nos limitamos a essas três. É na etapa da polivalência que surgem os questionamentos, pois essa ação polivalente é de conhecimento do TIL, ou seja, esse profissional sabe e tem ciência que está atuando de forma múltipla. Porém, devido a inúmeras circunstâncias ele continua atuando e, ao mesmo tempo, refletindo acerca dessa atuação e questionando a sua função enquanto TIL.

Questionamento

A etapa do questionamento é o momento em que o TIL entra em crise causada pela rotina da profissão ou pelos fracassos e conflitos vivenciados em sua trajetória. É nessa etapa que o profissional reflete acerca de sua vida no âmbito da tradução e interpretação e questiona-se sobre a continuidade ou a mudança para outra profissão, bem como a mudança para outra área. Assim, a partir de sua memória uma participante narrou que:

Gostaria de registrar a vontade de ver a categoria de tradutores e intérpretes de Libras unida, com o propósito de melhorar a atuação profissional [...] (Participante H).

Complementamos a memória individual dessa participante com as memórias coletivas das outras participantes que já passaram por essa fase. Essas trazem lembranças de algumas situações vivenciadas durante a carreira profissional e

são questionadas e encaradas como barreiras e dificuldades

Essas barreiras [analisar o material antes] coisa que dificilmente acontece na universidade (Participante I).

[...] as dificuldades acima mencionadas [baixa remuneração, falta de valorização, tempo disponível para o desenvolvimento das tarefas e falta de materiais de apoio didáticos/pedagógicos] ocasionam angústia e desmotivação ao exercício profissional (Participante J).

A partir das memórias dessas participantes, percebemos que as problematizações dos TILs partem de três causas: questionamentos pessoais, questionamentos institucionais, angústia e desmotivação. Os questionamentos pessoais envolvem um posicionamento (ético, político, epistemológico, religioso etc.) que impulsiona o TIL a tomar uma decisão (convergente ou divergente) na intenção de resolver um problema.

Esses questionamentos acontecem na relação interpessoal, por isso há a vontade de ver a categoria de tradutores e intérpretes de Libras unida. Assim, os questionamentos surgem mediante uma guerra de egos ou uma disputa por espaço e relação de poder, uma vez que os TILs ou outros profissionais que atuam em conjunto possuem posicionamentos, ideias e opiniões diferentes. Isso pode gerar uma situação de conflito, de desentendimento e de crise pessoal entre os envolvidos no cerne da profissão. Nesse cerne surgem diversos questionamentos sobre a carreira.

Se há os questionamentos interpessoais, logo há os institucionais. Esses são aqueles resultantes da dinâmica organizacional da instituição (escola, universidade, igreja, entre outras). Trata-se de uma posição antagônica entre o TIL e a instituição. O questionamento institucional ocorre devido ao estilo gerencial e administrativo no âmbito departamental que é, possivelmente, incompatível

com o posicionamento ou a atribuição do TIL. Isso é algo comum, uma vez que existem diferentes visões (pessoais e organizacionais) em tensão na esfera profissional.

A angústia e a desmotivação podem acontecer por meio de inúmeras situações: estresse, irritação, pressão, falta de confiança, disputa acadêmica e profissional, longas jornadas de trabalho, pouca valorização, dentre outras situações. Isso acaba por gerar uma espécie de *burnout* ou síndrome do esgotamento profissional no campo da tradução e interpretação da Libras.

Nesse sentido, os conflitos pessoais e institucionais e a angústia e a desmotivação geram uma série de questionamentos ao TIL: será que domino a Libras? Será que sou tão fluente nessa língua? Os surdos compreendem a minha sinalização? Será que devo me distanciar da área da Libras? Esses e outros questionamentos constituem essa etapa da vida profissional do TIL.

O desenlace

O desenlace é a etapa final da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras. É a fase derradeira em que o profissional passa a se desenlaçar com a sua atuação. De forma similar, no caso de professores, Huberman (2000) nomeia como distanciamento, conservantismo e desinvestimento. Cavaco (1999) mostra que a aposentadoria já está próxima de ser efetivada. No caso dos TILs que participaram da pesquisa, essa etapa se configura no distanciamento da área profissional e/ou afastamento do campo da tradução e interpretação da Libras.

Distanciamento

Esse distanciamento é decorrente da etapa dos questionamentos, em que o TIL passa a lamentar a sua carreira profissional. Tem-se um distanciamento com os colegas e a comunidade

surda, ou até mesmo a mudança da área profissional. As participantes lembram de situações vividas em épocas anteriores e, de acordo com as suas narrativas de vida, percebemos que:

[...] tentaria exercer a docência para formação de novos tradutores intérpretes de Libras em concomitância com a minha profissão. Que, a propósito, já tenho feito quando tenho oportunidades (Participante I).

Amei todos os locais por onde passei aprendendo e atuando, entretanto vejo a área religiosa com muito carinho [...]. Acho muito emocionante a missão de evangelizar os surdos (Participante J).

Tendo como base as memórias dos participantes, consideramos que o distanciamento pode ocorrer num processo de migração: no âmbito da mesma área ou entre áreas diferentes. No caso de o TIL migrar no âmbito da mesma área, temos os excertos que versam sobre a docência de Libras, conforme mencionados pelo participante A, que é um profissional licenciado em Letras Libras.

Nesse caso, o profissional se distancia da área da tradução e interpretação da Libras e passa a atuar com a docência de Libras. Isso significa que o profissional migrou para o campo da docência de Libras e se distancia da área da tradução e interpretação. Sua atuação passou a ser com o ensino da disciplina de Libras ou disciplinas afins no âmbito da mesma área. Esse distanciamento pode ocorrer a qualquer momento durante a carreira do TIL.

A participante I (por ser bacharel em Libras) mencionou o exercício do ensino da tradução e interpretação da Libras. Nesse caso, o profissional se distancia (não integralmente) da área da tradução e interpretação e passa a atuar com o ensino das técnicas de como traduzir e interpretar a(s) Língua(s) de Sinais. O profissional passa a formar novos profissionais no âmbito da mesma área.

O distanciamento pode acontecer mediante a migração para uma área diferente. Nesse caso, a participante J mencionou que já passou por vários lugares no âmbito da tradução e interpretação, mas que (a partir de então) atuará na evangelização de surdos. Inferimos que essa migração será para o contexto da tradução de missas/cultos religiosos ou, simplesmente, atuará por meio de uma atividade totalmente diferente na esfera religiosa.

Dessa forma, houve um distanciamento, mas não um afastamento, da área da tradução e interpretação da Libras. Isto é, houve uma migração para outras áreas (Ensino e Religião), mas que poderia ter sido para outro campo (saúde, economia, direito, esporte etc.) dependendo da perspectiva desse profissional. Nessa etapa, os TILs mantêm distância e não se afasta integralmente. Em nosso entendimento o distanciamento é diferente do afastamento.

Afastamento

O termo “afastamento” é utilizado no âmbito da seguridade social, como um tipo de licença que é requisitado por motivo de doença ou devido a um acidente com profissionais, dentro ou fora do seu campo de trabalho. Com o afastamento é assegurado ao profissional um auxílio doença por tempo determinado ou a aposentadoria por invalidez.

Contudo, nesse estudo, utilizamos o termo “afastamento” como o ato de retirar-se e colocar-se de longe dos acontecimentos que envolvem uma determinada área: nesse caso, a área da tradução e interpretação da Libras. Os motivos desse afastamento podem até ser doença, acidente ou invalidez, porém o foco de nosso estudo está no afastamento enquanto uma “autorretirada”, ou seja, alguém que sai de uma área, sem envolver questões de seguridade social. Sendo assim, apresentamos a memória da participante L acerca dos motivos de

seu afastamento da área em questão. Ao acessar a sua memória a participante mergulha em seu passado. Assim, traz a seguinte narrativa:

Exerci a função de intérprete por, aproximadamente, 20 anos, concomitante com a função de professora em educação especial [...] me desligando com a minha aposentadoria, há nove anos atrás. [O afastamento deu-se] por problemas de saúde; por ter me aposentado na esfera que mais atuava como intérprete (Participante L).

Percebemos que a participante se afastou da área da tradução e interpretação da Libras há nove anos. Isso aconteceu em 2011. Se houve uma atuação de vinte anos, logo isso deu-se do início da década de 1990 até 2010/2011.³ Destacamos que o cargo de Tradutor e Intérprete da Libras foi oficializado em 2010, assim a participante foi aposentada como professora da educação básica e não como tradutora e intérprete, apesar de ter assumido a função de TIL em sua carreira.⁴

Identificamos que o afastamento da participante L deu-se por problemas de saúde e aposentadoria por tempo de serviço. Além desses motivos, o afastamento de TILs pode ocorrer por: conflitos pessoais, conflitos institucionais, angústia, desmotivação, estresse, adoecimento, disputa acadêmica e profissional, conflitos com a comunidade surda e seus apoiadores.

Todas essas motivações, evidenciadas por meio da memória da participante, podem gerar o afastamento. Os mesmos motivos também causam o distanciamento. A diferença é que no distanciamento o profissional ainda permanece ligado à área. No afastamento esse profissional retira-se de campo e passa não mais a atuar como

3 A década de 1990 é o período de fortalecimento da inclusão escolar de alunos com deficiência. A inclusão escolar foi impulsionada, no Brasil, pela Conferência Mundial de Educação para Todos, de Jomtien, na Tailândia, no ano de 1990 e pela conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, na Espanha, em 1994, essa última culminou na Declaração de Salamanca.

4 A Lei que cria o cargo de Tradutor e Intérprete da Libras é de 2010, por isso ainda não deu tempo de nenhum profissional se aposentar, exclusivamente, como TIL.

TIL, deixando seu legado na memória coletiva e na história da educação de surdos de determinada localidade.

Considerações finais

O referido estudo esteve constantemente ancorado nos pressupostos de Halbwachs (1990) e Bosi (1993) em que instigamos 11 (onze) TILs a rememorar as etapas da profissão no âmbito da Libras. Para isso, nos apoiamos em Huberman (2000) e Cavaco (1999) que tratam, respectivamente, do ciclo de vida profissional de professores e do ofício de professores, o tempo e as mudanças da profissão.

Os resultados apontaram para os perfis e as etapas profissionais. Quanto aos perfis, identificamos que a maioria dos participantes - 6 (seis) - são do gênero feminino e os demais do masculino; sendo que um(a) participante declarou-se como “fluido”. A maioria (07 participantes) são formados em Licenciatura em Letras Libras, 01 é estudante desse curso, 01 é formado em história, 01 em Pedagogia e 01 Bacharel em Libras. A maioria (9 participantes) atua ou atuou na área da educação - no ensino superior - e 02 participantes atuam em contextos “diversos”. Tivemos 02 participantes que já migraram para a docência da Libras, 08 estão como TILs e 01 já se aposentou.

Em relação as etapas da carreira do Tradutor e Intérprete da Libras, a pesquisa apontou que essas etapas podem ser pensadas a partir de três grandes blocos: i) O enlace: entrada que varia de 1 a 2 anos; ampliação de 2 a 4 anos; formação de 4 a 6 anos; ii) O meneio: polivalência de 6 a 8 anos e questionamento de 8 a 10 anos; iii) O desenlace: distanciamento de 10 a 15 anos e o afastamento de 15 a 20 anos ou mais.

Destacamos que o estudo não delinea essas etapas como algo fixo e imutável. Para Halbwachs (1990) a idade, o tempo cronológico, as datas não

são, exclusivamente, formas fixas da substância da vida. Assim, as fases da vida podem ocorrer de forma aleatória para cada pessoa/profissional e de uma forma mais flexível sem um ordenamento rigoroso. Consideramos o estudo pertinente para que possamos compreender o ciclo que os TILs passam e, assim, pensar que as demandas direcionadas a esses profissionais precisam levar em consideração a etapa que cada TIL se encontra.

Refletir e buscar a melhoria de qualidade do trabalho dos TILs requer pensar em formação profissional (inicial ou continuada). Isso significa transformar a concepção de formação, situando-a ao desenvolvimento pessoal e profissional dos TILs ao longo das diferentes etapas da carreira profissional. Cabe um trabalho coletivo e formativo correspondendo de forma mais adequada à fase, à etapa, ao ciclo vivido pelos Tradutores e Intérpretes da Libras.

Referências

- BERTAUX, Daniel. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. Tradução Suzeide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée; rev. Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em Memória Social. *Psicologia USP*. São Paulo, 4(1/2), p. 277-284, 1993.
- BRASIL. Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>. Acesso em: 18 abr. 2020.
- CARVALHO, Alexandre F. de; MARTINS, Vanessa R. de O. Posição-mestre e função-educador: relações ativas no ato da interpretação da língua brasileira de sinais em contexto de ensino. *Políticas Educativas*, Porto Alegre, v. 7(2), 2014, p. 51-70.
- CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999. p. 155-187.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2000, p. 31-61.
- LACERDA, Cristina B. F. O intérprete educacional de Libras em atuação na educação infantil e no Ensino Fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016
- ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Editora Hucitech, 1997.

Submissão: julho de 2020

Aceite: julho de 2021